

Humanizando Hillary: Notas sobre a Convenção Nacional do Partido Democrata 2016

Leonardo Bueno França¹

Entre os dias 25 e 28 de julho, o Partido Democrata realizou sua Convenção Nacional para oficializar a escolha de Hillary Clinton como candidata à presidência dos EUA. O artigo tem por escopo analisar o perfil de alguns dos oradores assim como seus discursos.

O primeiro dia de convenção começou com protestos do lado de fora da Wells Fargo Center em razão de cerca de 20 mil e-mails vazados pelo site *Wikileaks* nos quais há o registro de membros do Partido Democrata e de funcionários da Casa Branca zombando da figura do Senador Bernie Sanders, além de muitos dos e-mails sugerirem que o comitê democrata estava trabalhando para minar sua campanha. A gravidade do fato ocasionou a renúncia de Debbie Wasserman Schultz, presidente do Comitê Nacional Democrata, marcada para o final da convenção².

A Agência de Segurança Nacional dos EUA suspeita que os hackers trabalharam para a Inteligência Russa³. Donald Trump, em resposta ao ocorrido, novamente quebrou todos os protocolos possíveis e desejou publicamente que os russos interviessem na política norte-americana e rastreassem os 33 mil e-mails que os democratas teriam escondido das autoridades⁴. Esse fato, somado ao escândalo dos e-mails privados na Secretaria de Estado, só veio a aumentar a desconfiança sobre a pessoa de Hillary.

Assim como a convenção republicana, os democratas também montaram um grande espetáculo onde a linguagem musical e cinematográfica complementou a narrativa eleitoral no intuito de humanizar a figura do líder político tão questionada historicamente pela lógica de ação estratégica que, muitas vezes, vai de encontro às promessas de campanha. Atrizes famosas como Meryl Streep, Elizabeth Banks, Sigourney Weaver, Chloë Grace Moretz, Sarah Silverman juntaram-se a cantores como Lady Gaga, Katy Perry, Alicia Keys, Lenny Kravitz, Demi Lovato, Paul Simon, Snoop Dog e cineastas como James Cameron e J. J. Abrams – que assinaram alguns dos documentários introdutórios –, na tentativa de encantar os corações indecisos daqueles que ainda não simpatizavam com o perfil pragmático de Hillary Clinton.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP-PUC-SP).

² Cf. https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/07/24/here-are-the-latest-most-damaging-things-in-the-dncs-leaked-emails/?wpisrc=nl_most-draw8&wpm=1

³ Cf. <http://edition.cnn.com/2016/07/25/politics/democratic-convention-dnc-emails-russia/>

⁴ Cf. http://www.huffingtonpost.com/entry/donald-trump-russia-hack_us_5798d1c8e4b02d5d5ed3b51a

Chamaram a atenção midiática para a convenção também os artistas que não endossaram apoio a Hillary, grande parte inclusive se manifestou nas redes sociais e na própria convenção contra sua nomeação como foi o caso das atrizes Rosario Dawson, Susan Sarandon e Shailene Woodley que apoiaram Bernie Sanders⁵.

Os vídeos introdutórios foram um destaque à parte. Os principais oradores da convenção foram introduzidos por um curta documental. Os vídeo-documentários *“Trump In His Own Words”* e *“Donald Decoded: Outsourcing”* foram diretamente produzidos a partir de imagens e falas do próprio Donald Trump. O primeiro traz a relação de Trump com movimentos neonazistas aliado a discursos oficiais sobre o seu projeto particular de segregação étnica. No segundo, traz a cômica figura do ator Ken Jeon (Se Beber, Não Case) em uma conversa informal com Austan Goolsbee, ex-presidente do Conselho de Assessores Econômicos do presidente Obama. No vídeo, Ken Jeon interpreta um personagem convicto de que Trump é um produto eminentemente norte-americano. Ao longo do filme, Jeon é convencido por Austan de que os empreendimentos bem-sucedidos de Trump não são *“made in USA”*. Jeon vai se desencantando com as “verdades” reveladas sobre o processo de terceirização nos quais praticamente todos os produtos da marca “Trump” são produzidos no exterior.

A primeira distinção clara entre as duas convenções – além da diferença de popularidade e credibilidade dos artistas que oferecem apoio a ambos os candidatos –, é o fato de os grandes nomes do Partido Republicano não terem endossado apoio oficial a Trump em contraste com Hillary que obteve o amplo apoio do quadro democrata de notáveis. Uma segunda observação é o caráter coletivo dado aos primeiros discursos antes do horário nobre e o fato de ter sido bem mais numerosa a quantidade de oradores. A Convenção Republicana contou com 71 oradores – 47 homens; 25 mulheres; 57 brancos; 7 negros, 6 latinos e 1 asiático, a Convenção republicana contou com 133 oradores – 76 homens; 57 mulheres; 74 brancos, 36 negros, 19 latinos; 3 asiáticos e 1 nativo-americano⁶.

Representantes dos chamados “caucus”, espécie de convenções partidárias de caráter consultivo e deliberativo abrem todos os dias da convenção com mais de 50 oradores individuais na sequência em mais de 28 horas de evento. Devido a esta vasta quantidade de oradores, seleciono aqui apenas alguns nomes.

O tema principal não foi propriamente a já clássica narrativa da “esperança vence o medo”, embora este discurso esteja marcado principalmente nos oradores que orientaram suas falas mais contra Donald Trump do que pró-Hillary Clinton, como no caso do derrotado Bernie Sanders, mas sim, a tentativa em se reafirmar o estilo de liderança feminino de Hillary Clinton

⁵ Cf. <http://edition.cnn.com/2016/07/25/politics/democratic-convention-celebrities-dnc-katy-perry-demi-lovato-rosario-dawson/>

⁶ Cf. <http://www.latimes.com/nation/politics/trailguide/la-na-democratic-convention-2016-live-speakers-at-the-1469652486-htmlstory.html>

humanizando-a aos olhos desconfiados da opinião pública. A temática da família trabalhadora e seus filhos cortou todos os discursos em todos os dias do evento. Hillary foi vendida como uma grande mãe para a nação estadunidense.

No primeiro dia, lideranças sindicais como Lily Eskelsen García, Presidente da Associação Nacional de Educação, a maior organização profissional dos EUA; Mary Kay Henry, Presidente do Sindicato Internacional dos Funcionários do Setor de Serviços (*Service Employees International Union*), Lee Saunders, Presidente do maior sindicato de funcionários públicos dos EUA (*American Federation of State, County and Municipal Employees - AFSCME*), Richard Trumka, Presidente da maior federação sindical nos EUA (*American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations - AFL-CIO*) e Randi Weingarten, Presidente da Federação americana de professores, realçaram o perfil “anti-trabalhador” de Donald Trump aliado ao fato de que o mesmo faliu quatro de seus empreendimentos (The Trump Taj Mahal em 1991; Trump Plaza Hotel em 1992; Trump Hotels and Casino Resorts em 2004; Trump Entertainment Resort em 2009). No geral, os líderes sindicais defenderam o aumento salarial e buscaram colocar Hillary Clinton como a defensora dos direitos dos trabalhadores.

Keith Ellison, Deputado Federal pelo estado de Minnesota, falou o que Bernie Sanders já havia falado, ao endossar o que chamou de “a plataforma de governo mais progressista da história do partido” (frase repetida nas bocas de muitos oradores). Ellison foi o primeiro muçulmano a ser eleito para o Congresso dos Estados Unidos, evidentemente, seu discurso orientou-se em grande medida a denunciar a intolerância do trumpismo para com os muçulmanos e todas as minorias residentes nos EUA. Sua presença indica apoio oficial da comunidade muçulmana.

A plataforma de governo do Partido Democrata⁷, ainda que seja apenas um documento de caráter consultivo, realmente acatou certas demandas ligadas aos quase 13 milhões de votos em Bernie Sanders, principalmente no que tange à educação livre de taxa de matrícula em faculdades e universidades para todos aqueles que ganham menos de US\$ 125 mil por ano. Hillary também adotou a plataforma de Sanders sobre o tema da seguridade social e da expansão do atendimento aos aposentados. O comitê que organizou a plataforma de governo acatou a pressão de Sanders pela defesa do salário mínimo federal de US\$ 15 por hora em contraposição aos US\$ 7,25 atuais.

Hillary também apoiou o pedido de Sanders para mais do que duplicar o apoio a centros comunitários de saúde que prestam serviços de cuidados de saúde primários, particularmente nas áreas rurais. Também prometeu ampliar o Obamacare para negociar preços mais baixos para medicamentos prescritos. Hillary também se comprometeu a atuar pela reforma da justiça penal em grande parte devido à atuação do movimento *Black Lives Matter*.

⁷ A plataforma se encontra no link: http://www.presidency.ucsb.edu/papers_pdf/117717.pdf.

O impacto da influente campanha de Bernie Sanders na plataforma democrata se reflete na forma como, ao menos aparentemente, se desafia os pilares centrais do consenso econômico neoliberal que tem impulsionado a política norte-americana desde a gestão de Ronald Reagan (1981-1989). O ponto mais controvertido da plataforma reside na relação estreita da família Clinton com o capitalismo financeiro. No Senado, Hillary selou definitivamente um pacto com Wall Street que se inicia já durante a campanha à presidência de Bill Clinton no início dos anos 1990.

O partido acatou parte das demandas da “revolução” de Sanders para o aumento da regulação das atividades especulativas. O setor financeiro teria de enfrentar novas restrições à negociação de títulos por bancos comerciais e aceitar mais impostos sobre transações financeiras⁸. As corporações também deixariam de ser autorizadas a adiar o pagamento de impostos sobre os seus lucros no exterior. Contudo, a plataforma mantém o prestígio do conservadorismo fiscal, ponto nodal do consensualismo ortodoxo neoliberal e marca registrada de governos republicanos. Na política externa, a ambiguidade se desfaz, a plataforma democrata decepciona o socialismo democrático dos seguidores de Bernie Sanders. Promete-se continuar as ações militares no Afeganistão, Iraque e Síria e também a política atual dos EUA em Israel e na Palestina⁹.

Tal como o deputado Keith Elisson, quase todos os oradores ao longo de toda a convenção dirigiram um discurso combatente ao estereótipo do “mal capitalista”, subsidiados pela noção individualizada de “mal caráter”. Talvez o aspecto central das críticas democratas ao comportamento político de Donald Trump: “mal caráter” em âmbito privado, “mal gestor” em âmbito público.

Jeff Merkley, Senador pelo estado do Oregon desde 2009, orador no primeiro dia de convenção, foi o representante “público” de um discurso pró-trabalhador no primeiro dia da convenção. Apoiador de Bernie Sanders, Merkley foi alvo de ataques dos congressistas republicanos e de analistas políticos conservadores no escândalo do relatório da receita federal dos EUA (*Internal Revenue Service- IRS*) que levou à entrada do FBI nas investigações¹⁰.

O relatório revelou a escolha de organizações e fundações que solicitaram status de isenção fiscal “*com base em temas políticos*” apresentados pelas entidades. A controvérsia causada pela reclamação de congressistas democratas de que a receita federal estaria favorecendo grupos de interesse republicanos como o *Tea Party* e outras organizações e fundações conservadoras levou Merkley à condição de protagonista. Ele agiu pelo questionamento sobre entidades sem fins lucrativos canalizarem grandes quantidades de dinheiro em atividades

⁸ Cf. <http://www.bloomberg.com/politics/articles/2016-07-02/wall-street-takes-a-hit-in-democratic-party-s-platform-draft>.

⁹ Cf. https://www.washingtonpost.com/opinions/the-most-progressive-democratic-platform-ever/2016/07/12/82525ab0-479b-11e6-bdb9-701687974517_story.html.

¹⁰ Cf. http://www.oregonlive.com/mapes/index.ssf/2013/05/sen_jeff_merkley_gets_dragged.html

políticas. Outras entidades, como por exemplo, o movimento *Occupy* também solicitaram isenção fiscal, mas receberam um abatimento bem menor. Por outro lado, os congressistas republicanos acusaram Merkley de ser um dos líderes de uma agenda política democrata orientada para prejudicar diretamente grupos conservadores. De fato, o recente passado de Merkley indica forte protagonismo na luta por espaços de influência na Comissão da Receita Federal (IRS) e no Departamento de Tesouro.

Os ataques à competência empresarial de Trump ganharam uma vítima pessoal de um de seus questionados empreendimentos. Cheryl Lankyard, que estudou na *Trump University*, revelou seu ressentimento por ter sido “enganada” ao empregar o dinheiro de seu marido militar morto no Iraque em 2007 nos cursos oferecidos pela instituição. Acusou Trump de “fazer milhões de dólares com pessoas vulneráveis como ela”. Para Cheryl, Trump “trapaceia com a classe trabalhadora”.

Elizabeth Warren, Senadora pelo estado do Massachusetts e figura carimbada do partido, discursou logo após a primeira dama Michelle Obama. Warren iniciou seu discurso dizendo que “de um lado está um homem que nunca sacrificou nada para ninguém. Do outro lado, está uma das pessoas mais inteligentes, “duronas” e obstinadas na face da terra. Uma mulher que luta para as crianças, para mulheres, pelos cuidados de saúde, pelos direitos humanos, uma mulher que luta por todos nós, e que é forte o suficiente para vencer essas lutas”.

Com um forte discurso anti-Trump, a Senadora endossou também uma narrativa anti-Washington afirmando que o sistema está viciado e “só funciona para aqueles que estão no topo”. Engatou os feitos do Partido Democrata (PD) na defesa dos interesses da classe trabalhadora na luta por um sistema de seguridade social mais justo. Acusou também a distância que há entre os dois principais partidos, afirmando que os republicanos lutam pela manutenção de um sistema fraudulento.

O discurso foi escrito depois da fala de Trump na Convenção Republicana proferida a menos de uma semana do evento. Trump havia afirmado de que “ele sozinho” iria corrigir o sistema político norte-americano. A temática do medo e do ódio tão explorada na Convenção Republicana levou a senadora a afirmar, utilizando da imagem de Martin Luther King – que inspirou a jovem ativista Hillary a ingressar na política –, que Trump representa uma condição histórica do comportamento das elites a favor da segregação racial e todas as minorias.

Donald Trump, nas palavras da senadora, foi ilustrado como um representante legítimo dos “capitalistas sem escrúpulos” que só pensam em maximizar os seus rendimentos. “Caras ricos, como Trump podem empurrar o sistema através de mais incentivos fiscais para si e, em seguida, nunca teremos dinheiro suficiente para sustentar nossas escolas, ou reconstruir nossas rodovias, ou investir no futuro dos nossos filhos”. A temática “ricos *versus* pobres” ou “dos grandes” versus o povo como quer Maquiavel, ofuscou a necessária aliança classista apta a produzir e, até, modular a confiança política na plataforma democrata.

A temática do medo também foi precisamente explorada pela figura carismática da Senadora Elizabeth Warren. A imprevisibilidade do intempestivo Trump foi recurso utilizado para revelar os riscos de um futuro incerto. Preso a uma já clássica disputa de narrativas (a esperança contra o medo); o Partido Democrata produziu uma convenção na ânsia de provocar reações otimistas. Warren encerra afirmando que “Hillary Clinton vai devolver o governo ao povo”¹¹.

Antes da Senadora, subiu ao palanque a primeira dama Michelle Obama¹², poucos minutos depois de um vídeo introdutório dirigido por J. J. Abrams, o mesmo diretor de filmes como *Missão Impossível (III; Protocolo Fantasma e Nação Secreta)* e *Star Wars: O Despertar da Força*. Nos pouco mais de dois minutos, o vídeo contou com clipes curtos de crianças louvando Michelle Obama como uma liderança inspiradora colocando-a como uma grande mãe para os estadunidenses¹³. Por certo, as primeiras-damas, historicamente, assumem um estereótipo maternal e, por vezes, também sedutor, mas a presença de Michelle Obama serviu também como um indicativo de que Hillary não tem o carisma de Barack e sua esposa. Será mais difícil sair de casa no dia 8 de novembro para votar por Hillary.

Em seu discurso, a família é o centro da narrativa. As filhas do casal Obama foram exemplo de uma educação cívica apta a reconhecer que “a linguagem de ódio que ouvem de figuras públicas na TV não representa o verdadeiro espírito deste país”, uma vez que passaram oito anos “vivendo em uma casa construída por escravos”. O discurso foi escrito por Sarah Hurwitz que prepara os discursos de Barak Obama a oito anos e a sete se dedica aos discursos de Michelle. Ela também escreveu o discurso de Michelle Obama na convenção de 2008 do qual Melania Trump e sua redatora de discursos Meredith McIver foram acusadas de plágio.

Os *Speechwriters* (redatores de discursos) não eram historicamente parte do *staff* pessoal das primeiras-damas, nem mesmo por Eleanor Roosevelt, que deu, pelo menos, 1.300 discursos durante seu tempo no cargo (1933-1945), de acordo com Myra Gutin, historiadora e autora do livro *The President's Partner: The First Lady in the Twentieth Century (Contributions in Women's Studies)*¹⁴. Foi durante a gestão de Lyndon Johnson (1963-1969) que os redatores de discursos entraram de vez no *staff* oficial do governo e dos partidos norte-americanos. A primeira dama Lady Bird Johnson contratou a secretária de imprensa Liz Carpenter para ajudá-la na elaboração de seus discursos oficiais.

O trabalho de Sarah Hurwitz, que é Assistente Senior de Política e Estratégia da Presidência ganhou em veracidade, principalmente, por ela ainda ser membro do Conselho Da

¹¹ Cf. <http://time.com/4421731/democratic-convention-elizabeth-warren-transcript-speech/>

¹² O Discurso transcrito pode ser lido no link <http://edition.cnn.com/2016/07/26/politics/transcript-michelle-obama-speech-democratic-national-convention/>.

¹³ O vídeo pode ser visto no link <https://www.youtube.com/watch?v=BL3XGqDVzw0>

¹⁴ Cf. <http://www.dailylife.com.au/news-and-views/whats-on-michelle-obamas-mind-meet-the-speechwriter-who-puts-it-into-words-20160613-gpiaqd.html>

Casa Branca sobre Mulheres e Meninas (*White House Council on Women and Girls - CWG*) que faz parte do Escritório de Assuntos Intergovernamentais, entidade pública de caráter consultivo sobre questões relacionadas com o bem-estar de mulheres e meninas. Porém, o carisma de Michelle Obama dá um significado maior às palavras escritas pela redatora.

De forma muito resumida, o site de notícias da rede BBC listou 9 principais frases do emotivo discurso de Michelle¹⁵. Certamente o trecho mais impactante foi: "Hoje, acordo toda manhã em uma casa que foi construída por escravos. E eu vejo minhas filhas - duas jovens negras inteligentes e lindas - brincando com o cachorro no gramado da Casa Branca." O discurso de Michelle e Sarah exaltaram a figura de Hillary Clinton como uma grande "mãe para a nação", uma inspiração "para cada criança que precisa de um campeão", uma verdadeira servidora pública

¹⁵ Frase 1. (Uma casa construída por escravos) - "Hoje, acordo toda manhã em uma casa que foi construída por escravos. E eu vejo minhas filhas - duas jovens negras inteligentes e lindas - brincando com o cachorro no gramado da Casa Branca."

Frase 2. (Um país grandioso) - Em uma referência clara a Trump, cujo slogan de campanha é "fazer os Estados Unidos grandioso de novo", a primeira-dama criticou aqueles que acreditam que o país tenha deixado de ser grande.

"Não deixe que ninguém te diga que esse país não é grandioso. Que de alguma forma precisamos torná-lo grandioso de novo. Porque este é neste momento o mais grandioso país da Terra."

Frase 3. (Uma pessoa firme) - "Porque quando você tem os códigos nucleares em mãos e um exército sob seu comando, você não pode tomar decisões por impulso. Não pode ser melindroso ou ter uma tendência de explodir contra os outros. Precisa manter-se uma pessoa firme, que pensa bem nos seus atos e é bem informada."

Frase 4. (Hillary nunca desiste) "O que mais admiro em Hillary é que ela nunca cede quando está sob pressão, nunca opta pela saída mais fácil. Hillary Clinton nunca desistiu de nada em sua vida."

Frase 5. (Mais de 140 caracteres) - "E quando penso no tipo de presidente que quero para minhas meninas e todos os nossos filhos (...), quero alguém comprovadamente capaz de perseverar. Alguém que leve este trabalho a sério. Alguém que entenda que as questões de nossa nação são complexas. E que não podem ser resumidas em 140 caracteres."

Frase 6. (Verdadeira servidora pública) - "E quando ela (Hillary) não foi nomeada candidata há oito anos, não ficou com raiva ou desiludida. Ela não fez as malas e foi para casa, porque, como uma verdadeira servidora pública, Hillary sabe que tudo isso é maior do que seu desapontamento."

Frase 7. (O primeiro dia de escola) - "Nunca me esquecerei daquela manhã de inverno em que vi nossas meninas, com apenas 7 e 10 anos de idade, entrarem naquelas caminhonetes pretas com todos aqueles homens armados. E, diante de seus pequenos rostos colados nas janelas, a única coisa que pude pensar foi 'O que nós fizemos?'"

"Naquele momento, me dei conta que, durante nosso tempo na Casa Branca, seria formada a base de quem elas se tornariam. E a forma como lidaríamos com essa experiência poderia torná-las boas pessoas ou destruí-las."

Frase 8. (Moldar nossos filhos) - "Não se enganem sobre isso. Em novembro, quando formos às urnas, será sobre isso que estaremos decidindo. Não será sobre democratas ou republicanos, nem esquerda ou direita. Nesta eleição, e em toda eleição, é sobre aqueles que terão o poder de moldar nossos filhos pelos próximos quatro ou oito anos de suas vidas."

Frase 9. (Uma mulher presidente) - "Graças a Hillary Clinton, minhas filhas e todos os nossos filhos e filhas agora sabem que uma mulher pode ser presidente dos Estados Unidos." Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/07/as-9-principais-frases-do-emotivo-discurso-de-michelle-obama-aos-democratas.html>

“que entende que as questões de nossa nação são complexas. E que não podem ser resumidas em 140 caracteres”.

Michele apontou a impulsividade de Trump numa provável situação em que decisões de cunho militar devam ser tomadas com cautela. Entretanto, seu carisma ofuscou o fato de Hillary, enquanto Senadora, ter votado a favor da guerra do Iraque e de ter oferecido suporte diplomático para o golpe militar em Honduras, produzindo mais instabilidade política e violência urbana naquele país. Hillary adotou uma política conservadora durante sua permanência como Secretária de Estado em nada parecido com a imagem de uma “grande mãe” em prontidão para substituir uma primeira dama tão carismática como Michelle Obama.

De acordo com a veterana escritora Diana Johnstone que publicou em 2015 um livro chamado “*Queen of Chaos: The Misadventures of Hillary Clinton*”, além de chamar a candidata democrata de “rainha do caos” e “mãe de todos os drones”, acusa o belicismo da elite oligárquica por traz da coalizão dominante no partido democrata. Diana apresenta o perfil de liderança de Hillary como tão assustador e perigoso como o de Donald Trump.

Em março de 2016, também o renomado jornalista e cineasta australiano John Pilger publicou um artigo intitulado “*A world war has begun. Break the silence*”¹⁶ onde chama Barack Obama de “mentiroso” ao prometer baixar o orçamento para a construção e manutenção de armas nucleares. Pilger afirma que Hillary é favorável ao emprego de armas nucleares táticas em algumas “guerras preventivas”. Pilger e Johnstone são parte de uma esquerda que se acostumou a ver os “Obamas” e os “Clintons” como uma versão “light” dos “Bush”. Afora as controvérsias sobre publicações deste tipo, Trump está mais para um lobo solitário, mas Hillary tem o suporte da coalizão dominante no PD há pelo menos 20 anos na preparação para o posto máximo do Poder Executivo. A ideologia da guerra é tão fortemente aliada da plataforma democrata que até mesmo Bernie Sanders, ao longo de sua campanha, procurou não comentar muito sobre política externa.

Os gritos de “Goldman Sachs” - grupo financeiro multinacional, um dos responsáveis pela aliança do capital financeiro de Wall Street com a família Clinton, desapareceram por completo durante os 15 minutos de encanto de Michelle que viralizou na rede através da *#MichelleforPresident*. Bill e Hillary Clinton, Michele e Barack Obama, assim como as novas lideranças do Partido Democrata nascidas do quadro pós 1968, conseguiram redimensionar a ideologia do Partido Democrata. A relação entre a identidade social e igualdade de oportunidades. Os discursos mascaram uma ideologia da individualidade como prática de política de identidade em que o sucesso (e o fracasso) deve ser percebido como atribuição exclusiva da “força de vontade” do indivíduo. O híbrido social liberalismo democrata encobre uma política externa militarista e uma política econômica interna apta a resgatar os grandes “aventureiros” do capital financeiro.

¹⁶ Cf. <http://johnpilger.com/articles/a-world-war-has-begun-break-the-silence->

Esse discurso ideológico heterogêneo obscurece a histórica captura da solidariedade da classe trabalhadora, individualizando contratos de trabalho e agindo a favor da precarização da classe média norte-americana. Nem mesmo Bernie Sanders que finalizou o primeiro dia de convenção, conseguiu escapar da “armadilha” democrata.

Sanders iniciou agradecendo os quase 13 milhões de votos que recebeu nas primárias. Se disse pronto para defender junto a Hillary um governo que não haja em nome do 1 % dos mais ricos ainda que o mesmo tenha revelado que a campanha de Hillary foi parcialmente financiada pelos grandes de *Wall Street*. Pouco tempo antes, a comediantes Sarah Silverman, que apoiou Sanders, chamou de “ridículos” aqueles que ainda vaiavam Hillary. Sanders subiu ao palco sob o efeito da ousadia da comediantes. Para muitos dos quase 13 milhões que votaram a favor da “revolução política” de Sanders, o voto anti-Trump passou a ser mais importante do que a credibilidade questionável da pragmática Hillary Clinton. Ao menos essa foi a intenção do discurso de Sanders.

Cory Booker, Senador pelo estado de New Jersey, assim como Sanders, também estabeleceu a desigualdade socioeconômica como a temática central de seu efusivo discurso. No entanto, o tom “alto astral” de Booker se contrapõe ao tom mais obscuro da fala de Sanders. O Senador Cory Booker é uma estrela em ascensão no partido, em sua fala, buscou amenizar o individualismo ético contido na própria plataforma democrata usando o patriotismo, tanto explorado pelos republicanos, para inflamar a tolerância como princípio ético fundamental neste pleito eleitoral.

O *outsider* Sanders, por sua vez, disse que os EUA “precisam de uma liderança que una as pessoas e as tornem mais fortes”. Sanders construiu uma trajetória como político independente de 1979 a 2015 quando decidiu então concorrer nas primárias pelo PD. Antes deste período, foi membro do Partido da União pela Liberdade de 1971 a 1979, de ideologia socialista (*Liberty Union Party - LUP*). Sanders mostrou uma postura íntegra após sua relação com o partido ter sido abalada pelo escândalo dos 20 mil e-mails vazados pelo site Wikileaks a respeito do comitê democrata trabalhar contra sua campanha. Endossou a candidatura de Hillary apesar de não convencer de que acredita em mudanças significativas.

2

No segundo dia, o apelo maternal se acentua e o tema é direcionado objetivamente às famílias e suas crianças; *"A Lifetime of Fighting for Children and Families"* (uma vida de luta para as crianças e suas famílias). Os “caucus” das mulheres, da LGBT, os conselhos rurais e os da juventude falaram antes de assistentes sociais, advogados de ONGs, ativistas, vítimas do ataque ao *World Trade Center* e de pessoas que tiveram relações diretas com Hillary Clinton como Ryan Moore. O pai de Ryan, perdeu o emprego quando o seu empregador não estava

disposto a cobrir o tratamento para sua condição de saúde (nanismo). Em 1994, Ryan conheceu Hillary em um evento para defender a reforma do sistema saúde. O segundo dia foi dedicado a mostrar como Hillary passou toda sua carreira trabalhando para fazer a diferença para as crianças e suas famílias ainda que tenha sido o delicado posto de Secretária de Estado – orientado para política externa – que a tenha colocado em posição concreta de disputa presidencial.

A presença de oito mulheres negras mães de jovens mortos pela violência policial (*Mothers of the Movement*) também foi simbólica. A decisão da campanha de Clinton em ter essas mulheres no palco na convenção foi o mais recente exemplo da crescente influência do movimento *Black Lives Matter* após a absolvição de George Zimmerman na morte a tiros do adolescente Trayvon Martin em 2013. Hillary tem usado o *slogan* do movimento para defender reformas no sistema penal. A preocupação do *marketing* político democrata estava em modificar a percepção de que o partido é “anti-polícia”, uma vez que na convenção republicana o *slogan* “*Blue Lives Matter*” (a vida dos policiais importa), foi cantado aos berros, inclusive durante os discursos de alguns oradores republicanos diretamente ligados à política penal. As mães realçaram a metáfora maternal e relataram acreditar que Hillary se preocupa com a questão da injustiça racial e com o futuro das crianças negras nos EUA.

Outro orador que revelou suas relações pessoais com Hillary foi a Senadora pelo estado da Califórnia, Barbara Boxer. Sua filha fora casada com o irmão de Hillary e seu neto é sobrinho dela. Barbara conhece Hillary como uma “tia amorosa que planejava as festas de aniversário de seu neto”, ela ressaltou a tenacidade da candidata democrata.

Madeleine Albright, ex-Secretária de Estado na segunda gestão de Bill Clinton, ex-Embaixadora dos EUA nas Nações Unidas e primeira mulher a se tornar Secretária de Estado nos EUA, destacou também sua amizade com a família Clinton. Depois de lembrar sua infância na Checoslováquia comunista, ela recordou algumas memórias da presidência de Bill Clinton e da trajetória política de Hillary. Albright estudou na mesma universidade que Bill e Hillary, a *Wellesley College (Massachusetts)*.

O interessante no discurso de Albright foi a reafirmação da metáfora maternal ao dizer que “Nós somos mães e avós - então eu sei de onde ela tirou suas habilidades de gestão”. A liderança das mulheres na política tem sido um fenômeno cada vez mais corriqueiro. Desde os primórdios da era medieval a figura do Príncipe caminha de mãos dadas a uma ética do governo de si que deve evitar os “impulsos da carne” e conduzir o reino como se conduz um navio. A histórica metáfora do navio e do capitão. Essa velha imagem platônica passa a acompanhar o fenômeno da liderança política desde o século XII de acordo com Michel Sennelart em seu livro “As artes de Governar”. A imagem da mãe que cuida atenciosamente, nos precisos detalhes, de cada aspecto da vida de seus filhos pode ser considerado uma metáfora mais próxima da biopolítica tal qual proferida por Michel Foucault.

A modernidade no pós-Guerra se acostumou a ver o Estado de bem-estar social como um Estado “zelador” dos interesses dos trabalhadores em pronta vigília sobre as disfunções do capitalismo. Hillary é filha da “geração dos direitos civis”, herdeira da geração do *New Deal* que promoveu um realinhamento eleitoral a favor do Partido Democrata de 1933 a 1969. Iniciou sua carreira na política estudantil após a morte de Martin Luther King em 4 de abril de 1968 onde todo um quadro administrativo do Partido Democrata inicia sua jornada. Hillary era apenas uma jovem republicana com uma cópia do livro “*The Conscience of a Conservative*” do republicano Barry Goldwater, nominado pelo PR para o pleito presidencial de 1964 ao qual ela apoiou. O pai de Hillary, Hugh Rodham, após perder o pleito para vereador em Chicago pelo PR, apoiou oficialmente a candidatura de Richard Nixon¹⁷.

Evidentemente que não se pode descartar os estereótipos misóginos acerca da liderança política feminina, o já famoso estereótipo freudiano da “mulher histérica” se junta ao rótulo da mulher manipuladora que vive de intrigas ao melhor estilo *Lady Macbeth* que incitou seu marido a um ato regicida na gloriosa obra de *William Shakespeare (Macbeth)*. Basta uma rápida pesquisa no site Google Imagens para ver as “facetas” de Hillary Rodham Clinton expostas pelo campo midiático.

O discurso de Bill Clinton surge basicamente para humanizar a figura de funcionária pública de Hillary. Introduzido por um vídeo de 6 minutos contanto detalhes de sua trajetória, Bill contou de como batalhou para conquistar o coração da jovem e bela Hillary. A trajetória afetiva de Hillary está sintetizada no discurso de Bill Clinton¹⁸.

3

No terceiro dia, houve discursos emblemáticos como os de Leon Panetta, ex-Diretor da CIA (2009-2011) que supervisionou a operação militar que levou a morte de Osama Bin Laden, deputado pela Califórnia de 1977 a 1993 e ex-Chefe da Casa Civil no governo de Bill Clinton; Stephanie Schriock, Presidente do comitê de ação política *EMILY's List* que visa ajudar a eleger candidatos do sexo feminino para cargos públicos; Ilyse Hogue, Presidente da *NARAL Pro-Choice America*, uma organização pró-aborto e Jesse Jackson, reverendo da Igreja Batista, Presidente da ONG – *Rainbow/PUSH* – nascida da *Southern Christian Leadership Conference (SCLC)* presidida por Martin Luther King. Mas a noite foi de Tim Kaine, Senador pelo estado da Virgínia escolhido para a vice-presidência.

Kaine realizou o principal discurso de sua carreira política. Destacou que: "Deixe-me dizer-lhe, se você está procurando com o partido de Lincoln, nós temos uma casa para você aqui mesmo no Partido Democrata". Kaine falou em um estilo descontraído por meio de frases em seu espanhol fluente descrevendo sua educação e sua trajetória no serviço público. A presidente do

¹⁷ Cf. http://www.nytimes.com/2007/09/05/us/politics/05clinton.html?_r=0 ; http://www.salon.com/2008/04/08/hillary_1968/

¹⁸ Cf. <http://time.com/4425599/dnc-bill-clinton-speech-transcript-video/>.

Comitê Nacional Democrata, Donna Brazile, deixou claro que a opção por Kaine é de caráter eleitoral, Kaine tem o papel de atrair os eleitores que não são democratas. Os eleitores de zonas rurais são o alvo da disputa. Irradiando otimismo, Kaine abre caminho para o discurso de Barack Obama.

Em seu provável último grande discurso como Presidente, Obama se mostrou mais uma vez como um grande orador. A frase mais significativa em sua fala foi: "Pode ser frustrante, este negócio da democracia. Confie em mim, eu sei e Hillary também sabe". Afirmando também: "Eu posso dizer com confiança que nunca houve um homem ou uma mulher - nem a mim, nem Bill, ninguém mais qualificado do que Hillary Clinton para servir como presidente dos Estados Unidos da América".

Obama trabalhou seu discurso junto ao *speechwriter* oficial da Casa Branca Cody Keenan. Ressaltou que Hillary tem mais condições do que ele para avançar em assuntos dos quais ele não conseguiu resultados concretos. Desde que os republicanos assumiram a liderança no Congresso, as divergências têm se acentuado. O ano de 2013, por exemplo, foi o ano menos produtivo do Congresso norte-americano desde a Segunda Guerra Mundial somando-se os quase 1 milhão de funcionário de órgãos federais paralisados por 16 dias em função do impasse na aprovação da lei orçamentária. O Obamacare foi a moeda de troca nas articulações com as lideranças republicanas. Em troca da aprovação do financiamento emergencial do estado, as lideranças republicanas iniciaram uma onda de vetos ao Obamacare que ainda persistem no legislativo. Obama mostrou acreditar que o estilo de liderança tenaz de Hillary é capaz de reduzir a polaridade entre democratas e republicanos.

Embora acusado de contrariar semanalmente o legislativo, de acordo com a *Congressional Quarterly* (editora privada comprada pelo grupo editorial multinacional britânico *The Economist*), a “taxa de sucesso presidencial” de Obama (medida pela aprovação dos projetos de lei do Executivo pelo Legislativo) é mais alta do que a da Era Clinton e não chega nem perto dos 50,6% da Era Nixon após o escândalo de Watergate. O pior ano de Obama (2012) legou 54% de taxa, em 2013, ano da paralização, legou 56,3% de taxa de sucesso indicando que ele foi acima da média dos presidentes dos EUA, bem maior do que Bush filho (38,3%) e Bill Clinton (36,2%)¹⁹. Entre acertos e erros, a gestão de Obama pode ser considerada bem-sucedida. Hillary é tida como apta a manter a taxa de sucesso presidencial da gestão Obama.

Os republicanos têm hoje mais legisladores estaduais do que jamais tiveram na história do partido, controlam também mais órgãos legislativos estaduais do que qualquer vez em sua história. De fato, Hillary tem o apoio oficial de grande parte dos notáveis do partido republicano.

¹⁹ Cf. <http://www.csmonitor.com/USA/Politics/DC-Decoder/2014/0224/Obama-s-icy-relationship-with-Congress-Can-it-ever-thaw-video>

Não é surpreendente que a lista de convertidos inclina-se para a política de segurança nacional além de uma gama vasta de ex-funcionários do Partido Republicano remanescentes da Era Bush²⁰.

4

No quarto e último dia de convenção, o tema da segurança nacional e da possibilidade de interlocução com as pautas republicanas foi atravessado por oradores em defesa das minorias, como foi o caso de Chad Griffin, Presidente da *Human Rights Campaign* grupo de pressão pró-LGBT, Sean Patrick Maloney e Sarah McBride, representantes do caucus congressual pró-LGBT e Gene Karpinski, Presidente da Liga dos Eleitores Conservacionistas (*League of Conservation Voters - LCV*) – organização de pressão por políticas ambientais. Os republicanos convertidos tiveram seu representante na figura do ex-redator de discursos de Ronald Reagan, Doug Elmets. Ele ressaltou o discurso de Reagan em 12 de junho de 1987 na comemoração do 750º aniversário de Berlim. Sua famosa frase “*Tear down this Wall*” (derrube este muro) direcionada ao líder da União Soviética Mikhail Gorbachev foi contraposta à frase trumpista “*We’re Gonna Build a Wall*”. Encerrou clamando pelo apoio dos republicanos que o país deve ser gerido por um presidente sensato.

Destaque na mídia norte-americana, Khizr Muazzam Khan e sua esposa Ghazala Khan cidadãos norte-americanos paquistaneses pais do capitão das forças armadas Humayun Khan morto em 2004 durante a Guerra do Iraque, buscaram lembrar Trump de que a Constituição dos EUA valoriza os termos “liberdade” e “igualdade perante a lei”. Em um gesto ovacionado, retirou seu pequeno exemplar da Constituição e o ofereceu a Trump para defender que todas as crenças, gêneros e etnias defendem a política bélica estadunidense.

Chelsea Clinton, filha do casal, assim como seu pai e outros oradores, buscou salientar o caráter de sua mãe, humanizando-a. Durante o discurso, Hillary twittou uma foto de si mesma observando sua filha, com as palavras: “tão orgulhosa”²¹.

Após a introdução de sua filha, um vídeo introdutório biográfico de 12 minutos narrado pelo ator Morgan Freeman documenta entrevistas de pessoas que tiveram relações próximas com a candidata além de revelar imagens e dados sobre sua trajetória. O vídeo é mais poderoso do que o discurso de Hillary²². O objetivo do Comitê Nacional Democrata e seus marqueteiros foi o de contrapor uma jovem e bela ativista social com a figura pragmática de uma liderança governamental austera.

A impopularidade de Hillary foi, evidentemente, o alvo do Comitê. Mais de 20% do eleitorado não confia em sua liderança, principalmente devido ao escândalo dos e-mails na

²⁰ Cf. <http://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/08/republicans-who-support-hillary-clinton/494636/>; <http://www.thedailybeast.com/articles/2016/08/09/all-of-the-top-republicans-voting-for-hillary-clinton-instead-of-donald-trump.html>

²¹ Cf. <https://twitter.com/HillaryClinton/status/758846722625855496>

²² Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=P7e70CmYWv4>

Secretaria de Estado. Hillary usou uma conta pessoal de e-mail para assuntos de trabalho, e não o e-mail oficial do governo. Ainda que o FBI tenha descartado acusação formal pelo ocorrido, sua imagem ficou manchada para a opinião pública.

A mensagem maior foi para os republicanos não-convertidos e para os indecisos que não confiam em Hillary. A mensagem foi a de que o Partido Democrata é seguro, é uma família não dividida como a dos republicanos. Talvez o pavor do cineasta Michael Moore de que o povo americano possa eleger “um idiota” para a presidência sirva de alarme²³.

O staff de Trump continua a caricaturar uma Lady Macbeth. Em seu discurso, Hillary exaltou o legado do Partido Democrata nas gestões de Bill e Barack afirmando ser o PD o partido dos trabalhadores norte-americanos, mas para grande parte do eleitorado, mesmo aquele disposto a votar nela, ainda paira a sombra da ambiguidade. Hillary é entendida pela opinião pública como pró e contra o livre comércio, pró e contra casamento gay, pró e contra aumento do salário mínimo, pró e contra a política de imigração. Mais de 20% do eleitorado acredita que Hillary é oportunista e muda suas posições políticas conforme a conveniência²⁴.

A mais republicana dos atuais democratas ainda precisa trabalhar tendo em vista que na maioria das eleições norte-americanas é bastante difícil conseguir que pelo menos metade dos eleitores compareça às urnas. De 1930 a 2012 o índice não foi superior a 65%. De 1970 até a eleição de Obama em 2008, os índices de participação eleitoral foram os mais baixos na história eleitoral norte americana de acordo com dados estatísticos do *Think Tank* Brookings Institute²⁵. A porcentagem do total de votos democratas e republicanos não se alterou muito ao longo do período (1930-2012). Convencer o eleitorado pobre, latino, gay, negro a votar na figura quase eclesiástica de uma “mulher de fibra que ama todas as crianças e as suas famílias” em novembro não é o maior desafio do Comitê Nacional Democrata. Acordar no dia 8 de novembro e ter condições concretas de vencer os entraves do confuso sistema eleitoral estadunidense pode sim levar o mundo a um novo patamar de liderança presidencial.

Tal como afirmou Michael Moore: “a cabine de votação é um dos últimos lugares remanescentes em que não há câmeras de segurança, escutas, mulheres, maridos, crianças, chefes, polícia”. Lá, neste último reduto de liberdade política, o ressentimento com o falido sistema representativo pode produzir uma desagradável surpresa para além da humanização da liderança política, apta a estrategicamente mover-se por entre as trincheiras.

²³ Cf. <http://michaelmoore.com/trumpwillwin/>

²⁴ Cf. <https://morningconsult.com/trump-clinton-unpopular/>

²⁵ Cf. <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/Vital-Statistics-Chapter-2-Congressional-Elections.pdf>

